



## A PROPORÇÃO DO TRATAMENTO MEDICAMENTOSO PARA AS FAMÍLIAS DOS PORTADORES DE TRANSTORNO MENTAL

*Ramitha Ambrozim Silveira<sup>1</sup>; Maria Angélica Pagliarini Waidman<sup>2</sup>*

**RESUMO:** Este estudo foi realizado com o objetivo de identificar a proporção do tratamento medicamentoso para a família do portador de transtorno mental. Buscou-se utilizar o método de história oral de vida para atingir o objetivo proposto, sendo empregada uma metodologia qualitativa seu desenvolvimento. O material coletado foi submetido à análise e discussão. Trata-se de uma pesquisa realizada com as famílias de pacientes portadores de transtornos mentais que tiveram passagem pela emergência psiquiátrica do hospital municipal de Maringá – Paraná no ano de 2008. Este serviço é referência de atendimento em psiquiatria para 67 municípios de três regionais de saúde do estado do Paraná (11ª, 13ª e 15ª). As famílias participantes deste estudo foram todas das cidades que fazem parte da 13ª regional de saúde e que foram atendidas na emergência. Realizou-se 12 entrevistas, sendo excluídas as que não aceitaram participar da pesquisa, e algumas famílias que ocorreram trocas de endereço e não foram encontradas. Neste trabalho foram utilizados nomes fictícios de flores para preservar a identidade dos familiares. Esta pesquisa permitiu o conhecimento aprofundado a respeito das consequências do tratamento terapêutico para toda a família. A pesquisa definiu também a importância da equipe de saúde preparada para o acompanhamento e assistência completa a estas famílias.

**PALAVRAS-CHAVE:** Família; Medicamentos; Portador de Transtorno Mental; Saúde Mental.

### 1 INTRODUÇÃO

A família do portador de transtorno mental após a década de 1980, período em que se iniciou a desinstitucionalização no Brasil, passou a perceber mudanças na política de saúde mental, política esta que tem priorizado os atendimentos extra-hospitalares e, com isso, ocorreu uma maior convivência do portador de transtorno mental com a família (FONSECA, 2008).

A questão do transtorno mental é complexa e envolve diversas vertentes, como o estigma existente com as doenças mentais, a cronicidade e sua etiologia indefinida. O tratamento, por sua vez, se torna delicado, e repleto de fatores que determinam o seu seguimento ou não. O familiar de um portador de PTM denota um parceiro indispensável para seu o tratamento sendo necessário que as ações de assistência a esta população seja direcionadas para a família e que favoreça de todas as formas a relação familiar/profissional/serviço (COLVEIRO, 2004).

<sup>1</sup> Acadêmica do 4º. Ano de Enfermagem da Universidade Estadual de Maringá (UEM) [ramitha\\_ambrozim@hotmail.com](mailto:ramitha_ambrozim@hotmail.com)

<sup>2</sup> Enfermeira. Doutora em Filosofia da Enfermagem, professora do Departamento de Enfermagem e PSE na UEM, coordenadora do Gepaesmf. [angelicawaidman@hotmail.com](mailto:angelicawaidman@hotmail.com)

O profissional da saúde capaz de envolver a família no tratamento do portador de transtorno mental diminui a sobrecarga existente através do aumento do nível de interação e empatia entre eles, além de dar suporte a esta família para enfrentar as dificuldades no relacionamento com a loucura, a carga emocional da família e a do próprio usuário (BORBA, 2008).

A assistência oferecida deve estar centrada na história de vida de cada PTM. Este processo de visão é complexo e demanda um trabalho interdisciplinar e Inter setorial, estabelecendo parcerias com a comunidade e com toda a família não se restringindo em apenas alguns aspectos (WAIDMAN, 2005).

## 2 METODOLOGIA

O presente estudo utilizou como método de pesquisa a história oral junto á famílias de portadores de transtornos mentais egressos da emergência psiquiátrica do hospital Municipal do município de Maringá-Pr. Os colaboradores deste estudo foram as famílias de pacientes portadores de transtornos mentais que tiveram passagem pela emergência psiquiátrica do hospital municipal de Maringá – Paraná no ano de 2008. As famílias participantes deste estudo foram todas das cidades que fazem parte da 13ª regional de saúde e que foram atendidas na emergência. Realizou-se 12 entrevistas, sendo excluídas as que não aceitaram participar da pesquisa, e algumas famílias que ocorreram trocas de endereço e não foram encontradas. Para a coleta de dados utilizou-se uma única questão: Fale o que você lembra sobre a doença de seu familiar desde o primeiro episódio da doença até os dias atuais. O objetivo desta questão era de que a família abordasse a história da doença relembrando toda a trajetória do tratamento, e se isso não acontecia, o entrevistador iniciava frases com algum interesse específico que faltou para a pesquisa. Para maior fidedignidade dos dados as entrevistas foram gravadas e foram levados em consideração todos os preceitos éticos que envolvem as pesquisas realizadas com seres humanos tal como: assinatura do termo de consentimento livre e esclarecido; permissão da instituição onde o estudo foi desenvolvido – Hospital Municipal de Maringá; e demais procedimentos necessários para esse tipo de pesquisa. O projeto foi aprovado no comitê de ética em pesquisa na universidade estadual de Maringá (Parecer n.509/2009). O referencial de Bardin (2008) foi utilizado na análise dos dados desta pesquisa, valendo-se do uso da análise temática. Neste trabalho serão utilizados nomes fictícios de flores para preservar a identidade dos familiares.

## 3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados encontrados nos relatos dos familiares demonstram na maioria das vezes que após o uso da medicação o portador fica constantemente dopado, não conseguindo mais levar uma vida social adequada, diminuindo suas atividades sociais e até mesmo com a família.

*“só que trabalhar ele não consegue, manter um horário fixo em uma empresa, por exemplo, ele não consegue (...) - Girassol”*

*“É assim, ficou muito triste de se ver assim, porque, pelo jeito que... Só conhecendo pra saber, sabe? O jeito que a pessoa era, o jeito que ficou... É muito triste (...) - Orquídea”*

Os trechos seguintes mostram a proporção do tratamento do esquizofrênico para a família. A maioria dos familiares e também dos portadores, valorizam a medicação, entendendo esta como forma de controle sobre a doença e o individuo, trazendo um alívio e sendo extremamente necessária pelas consequências trágicas que a não adesão ao

tratamento pode trazer. Nesta perspectiva, os familiares exprimem a ideia de que o fato deste paciente manter-se dopado e afastado das atividades sociais evita os transtornos que poderia acontecer. Identificando então a visão do medicamento não somente como um tratamento para controle da doença e dos delírios e sim como estratégia utilizada para a manutenção da ordem e exclusão dos problemas.

*“São os efeitos do remédio né e se diminui pra manter acordado logicamente ele vai cair em crise então o médico não diminui.- Rosa”*

*“eu tomo 7, 8 calmantes pra tomar porque quanto mais calma fica pra poder ir embora daí continua o tratamento em casa - Cravo”*

*“Ah eu acho que (pausa) sei lá (pausa) os remédios são fortes, dão muito sono, mas é bom né... imagina se não fosse o remédio né o que seria da minha vida- Alecrim”*

Esta valorização do medicamento se dá pela sobrecarga familiar sofrida, além desta há também a sobrecarga do familiar cuidador, em relação à questão da medicação este por muitas vezes apoderasse da administração dos fármacos a fim de certificar-se realmente do uso dos mesmos.

O familiar responsável pelo cuidado demonstra preocupação e vigília quanto à administração correta dos psicofármacos, tomando para si a responsabilidade de atentar para os horários e a dosagem dos medicamentos, pois tem medo do uso inadequado que o portador de sofrimento psíquico possa fazer do mesmo, colocando sua vida em risco (BORBA, 2008).

Considerando que o envolvimento da família torna as intervenções mais eficientes, multiplica os recursos ao paciente, em especial sua adesão ao tratamento e que o fator familiar é importante na proteção da saúde ou manifestação da doença, é necessário instrumentalizar profissionais para que esses possam reconhecer as necessidades das famílias e traçar estratégias de acordo com as suas necessidades de cuidado (SOARES, 2007).

#### **4 CONCLUSÃO**

A inserção do portador de transtorno mental na família e na sociedade é o melhor caminho para dar a este qualidade de vida, facilitar à terapêutica. O tratamento medicamentoso deve ser esclarecido da melhor forma a fim de evitar as ideias errôneas sobre os mesmos e para que isto aconteça, é importante o acompanhamento da equipe de saúde preparada, informada e atenta para os diferentes fatores que envolvem o tratamento.

#### **REFERÊNCIAS**

FONSECA. P.C; GENEROSO.C.M; MAIA.M.S; EMMENDOERFER. M.L. A moradia protegida no contexto da reforma Psiquiátrica: interlocuções com a família e o campo social. **Mental[online]** . v.6, n.10, p.69- 83. 2008.

COLVERO. L.A, IDE. C.A.C, ROLIM. M.A. Família e doença mental: a difícil convivência com a diferença. **Rev Esc Enferm USP**. v. 38, n.2, p.197-205. 2004.

BORBA. L.O ,SCHWARTZ. E.,KANTORSKI. L. P. A sobrecarga da família que convive com a realidade do transtorno mental. **Rev Acta Paul Enferm**. v.21, n. 4, p. 588-94, 2008.

WAIDMAN. M.A.P; ELSEN.I. O cuidado interdisciplinar à família do portador de transtorno mental no paradigma da desinstitucionalização. **Rev Text Contex Enferm** v.14,n. 3, p. 341-349, jul/set. 2005.

BARDIN.L; Análise de conteúdo. Editora setenta.2008

SOARES.C.B;MUNARI.D.B. Considerações acerca da sobrecarga em familiares de pessoas com transtornos mentais. **Rev Cienc Cuid Saude**. v.6, n.3, p. 357-62, jul/set. 2007.

NASI, C; STUMM, L. K; HILDEBRANDT, L. M; Convivendo com o doente mental psicótico na ótica do familiar. **Revista Eletronica de Enfermagem**, v.6, n.1, 2004

PEREIRA, M. A. O; PEREIRA JR, A; Transtorno mental: dificuldades enfrentadas pela família. **Revista Escola de Enfermagem USP**. São Paulo. v.37, n.4, p.92-100. 2003.

REINALDO M.A.S, SAEKI.T, REINALDO.T.B.S. O uso da história oral na pesquisa em enfermagem psiquiátrica: revisão bibliográfica. **Rev Eletrônica de Enfermagem**. v.5, n.2, p. 65-70. 2003.

PIMENTA E.S; ROMAGNOLI R.C. A relação das famílias no tratamento dos portadores de transtorno mental realizado no Centro de Apoio de Atenção Psicossocial. **Rev. Pesquisas e Praticas Psicossociais**. v. 3,n. 1, p. 75-84, jul/ag 2008.

**Anais Eletrônico**

VII EPCC – Encontro Internacional de Produção Científica Cesumar  
CESUMAR – Centro Universitário de Maringá  
Editora CESUMAR  
Maringá – Paraná - Brasil